



O SEXO CASUAL ENTRE HOMENS E A POSSIBILIDADE DE SUBVERSÃO DAS NORMAS SOCIAIS.

Gilmaro Nogueira¹

Resumo: Esse artigo analisa a forma como alguns sujeitos que utilizam os sites de relacionamento disponível.com e manhunt.net lidam com suas demandas sexuais. Essas demandas, quando vivenciadas sem vínculo afetivo – sexo casual, são associadas à promiscuidade e ao vício sexual por esses mesmo sujeitos, que nem por isso, deixam de buscar tais relações. Problematizo nesse artigo, até que ponto essas práticas sexuais eventuais, mesmo moralizadas e patologizadas, não constituem uma forma de subversão a normas que exigem que todos os indivíduos sejam heterossexuais e constituam relações monogâmicas.

Palavras chave: sexo casual, heterossexualidade, subversão.

Segundo Miskolci (2012), a internet aumenta numericamente os contatos, acelera as relações e cria uma intimidade rápida, mas essa facilidade parece tornar efêmeros os relacionamentos. Corroborando com essa análise, muitos usuários reclamam da imediatividade e brevidade das relações, às vezes apenas para fins sexuais. Muitas dessas relações sexuais não se repetem, restringindo-se apenas para um encontro.

Em outra análise sobre relações entre homens, Miskolci (2008) considera que o armário, ou seja, a manutenção do segredo das práticas eróticas entre homens passa a ser um grande problema para as relações amorosas e, como resultado, esses sujeitos estão expostos a solidão - que essas relações momentâneas resolvem apenas em parte.

Esses sujeitos seriam assim moldados por violências heterossexistas que os tornam homofóbicos, vítimas dos seus desejos, receosos por serem traídos (expostos) por aqueles que amam. O ponto crucial do problema é o temor que esses desejos os

¹ Mestrando no Programa Multidisciplinar Cultura e Sociedade – UFBA. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade – CUS. Email: gibahpsi@gmail.com

levem a confrontar a ordem social, perdendo o privilégio do gênero masculino, expondo-os a humilhação (MISKOLCI, 2008).

A sexualidade é vivenciada por esses homens, sob o risco de que alguém descubra suas práticas, passando a desenvolverem um temor persecutório, tornando-os incapazes de confiar em qualquer pessoa. O medo de que possa ser feita alguma associação de suas identidades com a homossexualidade, faz esses homens tornarem indiferentes e insensíveis aos parceiros, quando esses se apaixonam. O amor passa a ser compreendido, nessas situações, como perda de autocontrole e racionalidade, fazendo-os incorporar uma luta contra seus sentimentos.

Essa análise de Miskolci dá conta de parte do problema no estabelecimento das relações amorosas, mas outras questões concorrem para dificultar os relacionamentos afetivos. Como pretendo discutir, nem todos os sujeitos desejam relações amorosas, isto é, buscam apenas sexo casual. Não podemos assim supor que as relações efêmeras são efeitos ou resultados da incapacidade do indivíduo ajustar seu desejo as normas sociais.

Pensar as relações furtivas ou efêmeras como efeito da homofobia e/ou heterossexismo é avaliar as relações afetivas e duradouras como forma adequada de compromisso ou vivência da sexualidade, moralizando assim o sexo casual e descomprometido com o estabelecimento de vínculos.

A relação sexual, casual e sem compromisso, não pode, grosso modo, deixar de ser considerada também um afronta ao ideário social de sexualidade, e tão legítima quanto um estabelecimento de um vínculo afetivo independente de ser monogâmico ou não, assim como também não podemos desconsiderar que uma relação afetiva, duradoura, assumida socialmente, pode ser reiterativa de padrões heteronormativos, em conformidade com as expectativas sociais.

Dessa forma, não discordo de Miskolci no que se refere às dificuldades de vivenciar uma relação amorosa, tendo o segredo e o temor da associação à homossexualidades como variáveis que implicam no não estabelecimento de vínculos afetivos, produzindo solidão, insegurança, medo e o mal-estar. Mas, nem todos os sujeitos que “fogem” aos vínculos afetivos têm esse temor de perda do status heterossexual, assim como nem todos que temem a perda de tal status temem o vínculo, uma vez que, para muitos sujeitos, ter um vínculo com outro homem pode dar mais segurança, pois não o expõe a tantos encontros - o que representa risco por conta da exposição.

A partir dessas reflexões, analiso como alguns homens que utilizam os sites de

relacionamento disponível.com e manhunt.net, que são os dois portais mais utilizados para encontrar parceiros afetivo sexuais entre homens em Salvador, lidam com suas demandas por sexo casual.

Da heterossexualidade compulsória e monogâmica à heteronormatividade

Para Freud (1930) a experiência de prazer sexual fornece ao indivíduo um protótipo de toda felicidade, sugerindo-lhe que a busca por relações sexuais seja o ponto central de sua vida. Esse amor sexual seria tão forte que dele se derivaria outros tipos de amores (não genitais) como formas substitutivas.

Freud analisa que a civilização/cultura (poderíamos chamar de normas sociais) não tolera a experiência da sexualidade como fonte de prazer por si própria, exigindo uma vivência sexual com prescrições, dentre essas, o estabelecimento de um vínculo afetivo, monogâmico e heterossexual. Esse prazer sexual cerceado seria uma fonte de injustiça com o sujeito, por retirar seu direito ao prazer. O humano teria que assim se sujeitar as exigências sociais ou vivenciar sua sexualidade fora dos parâmetros sociais.

Freud não formulou uma crítica consistente a heterossexualidade como obrigação a todos os sujeitos. Essa crítica, sob o nome de heterossexualidade compulsória, apareceu pela primeira vez num artigo de Adrienne Rich, intitulado: *Heterossexualidade compulsória e existência Lésbica*².

Segundo Rich (2010) as mulheres têm sido convencidas que a sexualidade orientada para os homens e o casamento são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas. A heterossexualidade passa a ser uma obrigação para todos os sujeitos. Assim, haverá uma doutrinação prematura das mulheres, através do casamento heterossexual e da idealização do amor romântico.

Refletindo as ideias de Rich (2010) e Freud (1930) é possível problematizarmos o ideal de casamento heterossexual e monogâmico como uma coerção sobre os indivíduos, que ainda segundo Rich, colocam um sem número de sujeitos tentando ajustar a mente, o espírito e a sexualidade dentro deste roteiro prescrito.

Se a heterossexualidade compulsória parte do princípio que todos devem ser heterossexuais, a heteronormatividade é parte do controle e regulação da vida de gays e lésbicas, não mais para que se tornem heterossexuais, mas que vivam suas vidas como

² O artigo original foi publicado em 1980, traduzido para o português em 2010 na Revista Bagoas.

tais. A heteronormatividade coloca uma nova ordem social, onde os sujeitos devem ser heterossexuais ou organizar suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MISKOLCI, 2009).

Cabe questionarmos até que ponto essa ordem social baseada na heteronormatividade não é um fator que representa o sexo casual como experiência negativada, questionada, associada à promiscuidade.

Parker (2002) denomina de moral dualística o modo como nossa cultura autoriza os homens vivenciarem sua sexualidade com quantas mulheres desejarem, enquanto as mulheres são restringidas ao lar e ao espaço doméstico, confinadas num casamento monogâmico.

Enquanto os homens são autorizados a vivenciarem uma sexualidade irrestrita, desde que orientados pela heterossexualidade, gays e mulheres são moralizados, problematizados em suas experiências sexuais fora dos moldes do casamento e monogamia.

No entanto, mesmo sendo moralizados, nem todos os sujeitos estão dispostos a viverem alinhados as normas tão restritivas de sua sexualidade. E, se o prazer pelo prazer é de fato um protótipo de felicidade, como destacou Freud, até que ponto os sujeitos não estão dispostos a pagar o preço pelo descumprimento das normas? Culpabilização e patologização são os valores a serem pagos por essa desobediência moral.

Esses sujeitos, que usam a internet como forma de procurar parceiros para diferentes modos de relações, parecem também problematizar essas questões e/ou são afetados por elas, mas o fato é que, se há uma limitação da sexualidade, uma prescrição que opera através da: 1) substituição do amor genital a outras formas de relações como: amizade e relações amorosas 2) exigência de heterossexualidade 3) culpabilização e patologização dos sujeitos; a norma não se efetiva na totalidade, ela falha, e esses sujeitos subvertem-na.

A primeira constatação que faço é que a relação sexual é a maior demanda desses usuários dos sites de relacionamento, de forma que, poucos procuram amizade, muitos procuram namoro, e mais ainda procuram sexo. Mesmo os que não buscam apenas sexo, não são imunes as relações efêmeras, cedendo espaço ao prazer pelo prazer, experimentando assim, esses “protótipos de felicidade”.

Os sujeitos falam de sexo, mesmo que seja para dizer que não buscam, ou o que não querem, mas o sexo não é silenciado. Ele, o sexo, se expressa nas descrições

corporais enquanto zonas erógenas, nas práticas sexuais buscadas e nos discursos que avaliam a forma como os sujeitos vivenciam suas sexualidades.

Alguns questionam o lugar que o sexo ocupa nas vidas dos outros, da seguinte forma:

Embusca de um pouquinho MAIS...

Se vc se acha a ultima bolacha do pacote, tá procurando um modelo ou coisa assim...Tá no perfil errado, xará!... Só cansado dos Narcisos, bombados (sem cerebro) e idiotas q acham q sexo é tudo na vida ³. Sou um cara simples que gosta de coisas simples... (MP10)⁴.

Não me julgue só por eu ter me cadastrado aqui. Lembre-se, se vc entrou, mesmo que por curiosidade, então somos iguais. . Aceito Pessoas: >>> Maduras, sinceras, gosto de homem de verdade (Não quero crianças de idade ou de cabeça), livres de preconceitos, cuca fresca, de bem com a vida, que curta viajar, que goste de ser amigo de verdade, compreensivo, carinhoso, romantico. *Acho que sexo é muito bom, mas não é tudo...* (DHV7).

O que permite esses indivíduos negarem a “totalidade” ou primordialidade do sexo como forma de prazer é a constatação do valor que seus pares, nesses espaços (online), atribuem às práticas sexuais. Os esforços na busca e seleção de parceiros, a frequência com que essas relações sexuais são demandadas e algumas práticas não-convencionais, demonstram o quanto esses homens valorizam o sexo pelo sexo.

O sexo aparece como forma tão potencializada de prazer que um indivíduo diz:

magrelo louco por uma boa foda,tento fazer do sexo minha maior diverção e meu unico meio de prazer,gosto de gozar sem frescura com caras machos nada de viadinho fresco gosto de caras decididos que gostam de dar o cu pra uma pica de XXIV boa que nem a minha! (DCA8).

Nesse caso em específico, o sexo é único meio de prazer. Se único ou não, o certo é que o sexo vivenciado fora das prescrições sociais, que deveria fazer o indivíduo sentir-se culpado, doente e anômalo, produz uma sensação de prazer, que talvez nenhuma outra atividade o faria. A construção social da ilegalidade da prática, não diminui o prazer advinda de sua realização.

E se de fato a norma também operar pela limitação da prática ou exigência de monogamia, ela também fracassa, pois diversos sujeitos expressam o desejo de relações casuais:

³ Todos os grifos nos textos dos perfis, são meus. Os sites de relacionamento não possibilitam aos sujeitos fazerem grifos.

⁴ Para não utilizar os apelidos dos perfis dos sites, como forma de manter o anonimato dos sujeitos, criei uma classificação, sendo: M (Manhunt); D (Disponível); H (Homossexual) HEA (Heterossexual); C (Curioso); B (Bissexual); P (Passivo); A (Ativo) V (Versátil). Dessa forma, DHA1, significa um perfil do site Disponível.com, Homossexual, Ativo, Nº do perfil em minha base de dados =1;

Ah! Eu quero é novidade!

Já entrei e já saí desse site algumas vezes. Já encontrei pessoas interessantes aos meus olhos (poucas, confesso) que inclusive tornaram-se grandes amigos.

Enfim... o meu propósito aqui é esse: conhecer pessoas. Tudo pode acontecer: nada, uma saída, uma transa casual, uma paquera e até um namoro, quem sabe?! (MVP7).

UM BROTHER INTERESSANTE PARA OUTRO BROTHER INTERESSANTE

Sou um cara macho que gosta de curtir outro macho. Estou aqui a procura de sexo casual mas com muita segurança, contudo, se houver afinidades posso mudar de idéia e, quem sabe, a casualidade se torne duradoura, através do início de um relacionamento sincero entre dois homens que se respeitam (MVP13).

Ao dizer que deseja novidade, esse sujeito revela querer conhecer um número de parceiros indeterminados, expressando sua busca por sexo casual. O outro perfil diz procurar sexo casual, com a possibilidade de uma relação duradoura. Esses homens vão negociando desejos, afetos e práticas, de forma que estão abertos a diversas experiências, desde o sexo com ou sem afeto/compromisso.

Outros homens rejeitam uma relação afetiva, por acreditarem que uma relação entre homens, seja necessariamente desprovida de afeto. É o caso do seguinte perfil:

Sou um cara super discreto, nao afeminado. Na realidade curto mulheres, tenho namorada. *Com Homens é só tara, sexo.* Tenho a maior tara em ser chupado por homens. Nao sou nenhum deus grego, como a maioria daqui da net procura, sou apenas um cara super simpático, tipo gordinho e muito gostoso, pelo menos acham....Se tiver afim de uma tranza segura, sigilosa sem enrolação e sem compromisso escreva e mande o msn de imediato pois nao sou usuario gold (DHEA5).

A expressão “com homens é só tara, sexo” pode ser parte de uma crença popular em que a relação entre homens é apenas um instinto sexual, desprovido de sentimento afetivo, no entanto, sem conhecer a história de vida e crenças desse homem, é impossível dizer se é essa a questão, pois ele pode acreditar na possibilidade de relação amorosa com outro homem, mas evitar envolvimento a fim de manter seu status heterossexual.

Mas a manutenção do status heterossexual pela rejeição a relações amorosas entre homens, não explica todos os enlaces sexuais casuais, sendo apenas uma possibilidade para pensarmos as relações furtivas, havendo outras motivações para a busca de sexo desprovido de afeto amoroso.

Em alguns casos os sujeitos escolhem o modelo de relação a partir do momento, de forma que podem querer algo sério num período de tempo; relação casual

em outro momento. Parece comum que ao saírem de relacionamentos, alguns sujeitos demandem um tipo de “férias afetivas”, tais como: “*Sai de uma relação recentemente. procuro um cara passivo para encontros eventuais. Na cama sou somente ATIVO (DHA3)*”. Nesses casos os relacionamentos são visto como privação de determinados prazeres sexuais. O modelo de relação afetiva e monogâmica parecer gerar um custo aos parceiros, que é o sacrifício das relações eventuais. Após o termino das relações amorosas, os sujeitos parecem reservar um tempo de “descanso” afetivo, um período sem relações amorosas, de forma que possam vivenciar novas experiências.

O namoro acordado de fidelidade monogâmica é uma demanda e pode ser um sacrifício, pois cumpre seu papel de diminuir a carência, propiciar bem-estar afetivo, sensação de ser cuidado, mas restringe a vida sexual. Se para alguns, esse modelo de relação afetiva baseada na fidelidade e exclusividade, é o máximo que um indivíduo possa almejar em termos de realização amorosa, desmotivando-os para busca de sexo com outros parceiros, para outros, tem um preço alto a ser pago, comprometendo a vivencia de seus desejos sexuais, fantasias e aventuras.

Nem todos os sujeitos estão assim abertos a essas possibilidades amorosas, pois alguns expressam buscar apenas sexo, sem maiores envolvimento, tais quais os perfis abaixo:

Se tiver afim de uma tranza segura, sigilosa sem enrolação e sem compromisso escreva e mande o msn de imediato pois nao sou usuario gold (DHEA5).

CURTO SEXO SEM MAIORES ENVOLVIMENTOS. MACHO SACANA, AFIM DE REALIZAR FANTASIAS DE CASAIS. SE TIVEREM AFIM DE UM CARA FOLGOSO E SACANA NA CAMA, PODEM ME CONTACTAR. POSSO VIAJAR PARA QUALQUER LOCAL DO PAÍS. AS FOTOS SÃO ATUAIS (DHEA9).

Os dois sujeitos desejam sexo casual, sem a possibilidade de envolvimento afetivo ou comprometimento mútuo. O desejo [sexual] é tão forte que um dos sujeitos se dispõe a ser um corpo sexual itinerante, colocando-se a disposição para viagens. Pode causar estranhamento que alguém viaje para realizar encontros sexuais casuais, mas se há sujeitos que viajam para conhecer paisagens, assistir palestras e participar de congressos, porque parece tão exótico que alguém se coloque a disposição de suas fantasias sexuais?

Por se tratar de dois sujeitos que identificam enquanto heterossexuais, poderíamos pensar que o sexo casual, desprovido de afeto, é resultante das normas heterossexistas, e que esses dois homens não aceitam vivenciar uma relação amorosa

com outros pares por não assumirem uma homossexualidade que essa parceira possa denunciar, mas outros sujeitos, com outras orientações sexuais assumem buscar sexo sem compromisso.

Procuro por um macho ativo comedor homezao tesudao paudzado, e que nao queira nada alem de encontros para gozar!!!(DHP13).

Você, ATIVO PUTO E INSACIÁVEL afim de foda sem compromisso! (DHP3).

Os dois sujeitos acima, homossexuais passivos, buscam parceiros ativos, que não desejem compromisso. Esses e muitos outros desfazem a visão de homossexuais vítimas de homens heterossexuais e bissexuais que não aceitam vínculos afetivos por ter que manter um status heterossexual. A demanda por cortejamento, compromisso, relação amorosa e monogâmica ou outro vínculo que possa ser causa ou efeito de uma relação sexual, não é objetivo para muitos homens, independente da forma como se identificam sexualmente.

A promiscuidade como vigilância do desejo

Embora a internet permita o anonimato, os sujeitos não estão livres para vivenciarem sua sexualidade, e a forma como os desejos são expressos apontam para essas moralidades sociais.

Uma das formas pelas quais o sexo (prática) e o desejo (intenções) são postos em julgamento se dá através do termo *promiscuidade*, tal como no ocorre seguinte perfil: “*Sou discreto quero sigilo e um bom bate papo prá começar. Não curto sexo casual nem promiscuidade (DBV4)*”.

Esse perfil, de um homem bissexual, diz não querer sexo casual, afirmando-se como não promíscuo. O termo promiscuidade aparece em paralelo à prática sexual sem vínculos afetivos, isto é, casual. Mas não é possível dizer objetivamente o que esses sujeitos consideram promiscuidade, como no caso desse perfil (DBV4) que diz rejeitar o sexo casual e promiscuidade, mas textualiza buscar:

[...] pessoas sinceras, discretas, saudáveis, sem vícios e sigilosas, de preferência com características físicas semelhantes. Não curto afeminados, fetiches, profissionais e também nao quero nada além de uma boa amizade e se rolar, claro, sexo, afinal é isso que buscamos aqui. Nada melhor que uma boa amizade e uma sacanagem sadia. Pra completar acho que sexo é intimidade portanto tem que ter química e cumplicidade total e quem sabe rola algo serio? Será que vai rolar? vamos ver.

O perfil é contraditório, pois diz que: 1) não quer nada além de amizade; 2) admite a possibilidade de “rolar” sexo, pois entende que é o que *todos* os perfis buscam no espaço online; 3) admite à possibilidade de algo sério; 4) rejeita a promiscuidade. Essas contradições parecem ser uma tentativa de lidar com duas questões: as moralidades socialmente construídas e os desejos sexuais implacáveis.

O sujeito diz buscar a amizade, tipo de relação socialmente aceita e parece advertir que não estaria imune aos desejos afetivos-sexuais, embora essas últimas possibilidades, estigmatizadas, apareçam não como busca, mas como acidente, ou seja, ao se deparar com a possibilidade de sexo casual, dentro dos parâmetros físicos de interesse, certamente não rejeitará tal proposta.

O termo “promiscuidade” aparece nos perfis, ora como defesa de si, ou seja, o sujeito afirma não ser promiscuo; ora como julgamento do outro. De ambas as formas, o termo tem conotação negativa, com uma alta carga moral, como descrito abaixo:

sou um cara normal , me cuido. nao sou promiscuo nem afem (nao tenho preconceitos). apesar das fotos sou um cara muito reservado e timido.

estou atras de alguem q valha a pena....tem q ser macho, safado e gostar de comer outro macho. não sinto tesão por caras muito jovens !!! coroas, caras fortes e gordinhos serão bem vindos...(DBP6).

Tow cansado, estou tentando entender pq é tão difícil um ser humano querer algo sério? Será que companheirismo e amizade repelem pessoas num relacionamento? Ultimamente vivemos no período da promiscuidade, onde por mais que vc diga que não quer se comportar assim ou que não é assim, vc faz, vc é ! Acumulo de transas não é necessário nem nunca foi, não é o que eu quero tb agora! Eu preciso de coisas que qualquer ser humano natural precisa alguém do lado para cuidar ser cuidado, alguém que queira proteger e precise de proteção...Um amigo, um homem (MV19).

O primeiro perfil problematiza a promiscuidade, mas admite buscar homens ativos, safados, para penetrá-lo. O termo normal antecede os termos: promiscuidade e afeminado. O segundo perfil, diz que vivemos num tempo de promiscuidade, e não acredita que alguém esteja livre desse comportamento sexual, mesmo os que dizem não se comportar dessa forma - a promiscuidade aparece como fatalidade. O que está sendo problematizado ou confessado pelos sujeitos é que ninguém parece estar imune aos desejos e fantasias sexuais, nem mesmo os que dizem não buscar sexo casual.

Freud (1930) considera que há o amor plenamente sensual, que busca a satisfação sexual, e o amor inibido/modificado que dá origem a família. Esse amor inibido em sua finalidade é parte de um deslocamento da libido para outras formas de afetividade. Embora o amor sexual tenha nos proporcionado a mais intensa experiência

de prazer, fornecendo assim um modelo para busca da felicidade, essa técnica (o amor) seria assim ineficaz, pois nos sentiríamos indefesos frente ao medo da perda ou rejeição ao objeto amado.

Dessa forma sublimaríamos os instintos, de modo que deslocaríamos a busca pelo prazer genital como ponto central de nossa procura pela felicidade, para outras atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas.

O que escapa da sublimação é então moralizado de forma que o homossexual é constantemente associado à promiscuidade. Segundo MacRae (1990) o advento da AIDS, que vitimou principalmente homossexuais, incentivou a adoção/assunção de uma identidade homo, como forma de enfrentamento: rede de apoio social e adoção de políticas públicas. Mas o reconhecimento político dos direitos de cidadania dos homossexuais vai ocorrer conjuntamente com o preconceito generalizado dos médicos e profissionais de saúde (MACRAE, 1990).

Segundo Kern & Silva (2009) o homoerostimo é visto como promiscuidade e o homossexual como incapaz de estabelecer uma relação duradoura; por outro lado, o heterossexual, mesmo numa relação afetiva duradoura, tem seu comportamento “promíscuo” considerado aceitável. É o que Parker (2002) chama de moral dualística, isto é, um mesmo comportamento é considerado imoral para um grupo enquanto autorizado para outro. Assim, os homens heterossexuais são autorizados a todos os prazeres, enquanto mulheres e homossexuais são moralizados.

Rich (2010) que as instâncias do desejo sexual/genital que não são sublimadas são moralizadas. O conceito de promiscuidade funciona como vigilante moral, ou melhor, autovigilância. Mas, o desejo não se deixa abater facilmente, e mesmo com sublimação, moralização, o desejo persiste e esses sujeitos continuam suas vidas sexuais fora dos padrões sociais.

Freud (1930) considera a formação do superego como uma guarnição numa cidade conquistada. Essa analogia tem a intenção de mostrar a vigilância que essa instância do inconsciente faz sobre os sujeitos. O superego teria assim a função de inibir através de sentimento de culpa e punição os desejos inaceitáveis socialmente. Seria, ainda nas palavras de Freud, uma forma da civilização enfraquecer e desarmar o desejo, estabelecendo no interior do indivíduo um agente para cuidar dele.

Pensando também nos mecanismo de vigilância, Foucault (1999) analisa os modos de normalização dos sujeitos, capazes de interiorizar a culpa e remorsos nos

indivíduos. Foucault utiliza a figura do Panóptico de Bentham⁵, como figura arquitetural dessa composição de vigilância e como modo generalizável de funcionamento das relações de poder da vida cotidiana.

O panóptico permite aperfeiçoar o exercício do poder, sendo que sua eficácia não está na observância, mas no exercício espontâneo da vigilância. Dessa forma, mesmo quando não há quem vigie, o controle é exercido – as pessoas ficam presas numa situação de poder que elas mesmas são portadoras – autovigilância. A sociedade de controle substitui assim a sociedade disciplinar com a virtualidade da observação, isto é, o observador não precisa estar presente, mas os efeitos seriam os mesmos.

Na contemporaneidade, uma série de mecanismos fazem vigilâncias dos sujeitos, desde câmeras de rua, rastreamento por satélite ou celular, entre outros. Nenhum desses, porém, parece mais eficaz na produção da subjetividade, que a vigilância moral de conceitos internalizados, que funcionam como panópticos, apontam, julgam e moralizam os indivíduos e seus desejos. A promiscuidade parece ser um desses conceitos.

Ao utilizarem o termo promiscuidade como indicativo de imoralidade, esses sujeitos expõem a forma como essa moral sexual burguesa é num só tempo, eficaz e frágil. Eficaz, pois operacionaliza uma forma de avaliação do outro, mas frágil porque não há sequer como determinar quem está enquadrado no conceito, ou seja, em que momento um sujeito passa a ser promíscuo, há partir de quantos parceiros sexuais, lembrando que os mesmos sujeitos que usam o termo, afirmam buscar relações eventuais.

A invenção do vício sexual

O vício sexual aparece nos perfis dos sites disponível.com e manhunt.net com certa frequência, como nos seguintes perfis:

sou um cra tranquilo, *sem vícios, exceto o sexo..* claro...rs afim de sexo e gostsoos... curto ser ativo, sempre estou a fim de sexo.. mantenha

⁵ O panóptico de Jeremy Bentham era um mecanismo arquitetural, criado no final do séc. XVIII, para distribuição de corpos em prisões, manicômios, escolas e fábricas. Segundo Foucault (1999) era feito em forma de anel; no centro tinha uma torre com janelas vazadas e a construção periférica de celas. A construção permitia a um vigilante, observar todos os prisioneiros, sem ser visto por eles, induzindo os detentos a um estado permanente de consciência e visibilidade. O desenho arquitetônico permitia que a vigilância fosse permanente nos efeitos, mesmo que não ocorresse a observação.

contato e vamos nos divertir muito. se vc for passivo ou versatil...
otimo!(DBA6).

No momento só olhando, mas quem sabe não mudo de ideia! Sendo roludo e tendo local rola a putaria. Negão bareback putão 21cm, *viciado em sexo*, discreto e extremamente sigiloso procura somente por coroas bareback (adepto ao sexo sem borracha) que curta a 3. Adoro ser mamado até gozar se engulir, deliro.Tb gosto de fuder um rabo de coroa roludo. Qt + velho e roludo + tesão eu tenho! NÃO CURTO PASSIVOS e curiosos que só querem bisbilhotar e encher o saco. Gordos(só roludão) Se me curtiu? Escreva-me! (MVP9).

O termo “vício” evidencia a busca por parceiros sexuais, num movimento contínuo de procura pelo prazer. Os perfis assumem o “vício sexual”, sem necessariamente negativarem o termo, mas ao mesmo tempo a ideia de vício é tão complexa que merece ser problematizada.

Como pensar uma sexualidade, desejos e práticas, tão intensas que permitem aos sujeitos associá-las ao vício? O termo vício, descrito aqui pelos sujeitos pode ser descolado do sentido usual nas ciências médicas?

O dicionário Michaelis (2012) define vício como: defeito físico ou moral, deformidade, imperfeição; defeito que torna uma coisa ou ato impróprio; disposição ou tendência habitual para o mal; ação indecorosa que se pratica por habito; costume condenável ou censurável; degenerescência moral ou psíquica do individuo que, habitualmente procede contra os bons costumes, sendo pernicioso ao meio social.

Num artigo sobre a Fabricação do Vício, Carneiro (2002) diz que o conceito de dependência, talvez, seja o mais controverso no último século e meio. Antes dessa nomenclatura, normatizada pela Organização Mundial de Saúde, outros termos eram utilizados, como: adição, hábito, transtorno de vontade e insanidade moral. A história desses conceitos é essencialmente política, ligada ao poder e interesses materiais de instituições, classes, camadas e grupos sociais. Essa construção política conecta Estado e Medicina.

Esses conceitos seriam assim investidos de alto poder simbólico, uma vez que a linguagem é uma questão de poder (BURKEM, 1987, apud, CARNEIRO, 2002). Para Costa (2002) a linguagem pode estar investida de preconceito, sendo autônomas em relação à intenção de quem a emprega. Essa mesma linguagem produz subjetividades, fixando os sujeitos nos lugares prescritos.

Ainda segundo Carneiro (2002) o surgimento desse conceito (vício) é simultâneo a uma série de outros, como: homossexual, alienado, ninfomaníaca, erotômano e onanista. O séc. XIX é o momento que esses termos passam a ser utilizados para nomear comportamentos como doenças. É nesse período que vai haver uma escalada crescente na intervenção do Estado sobre a disciplinarização dos corpos e a medicalização das populações, com objetivos de eugenia social e racial, “higiene” social e a profilaxia moral. Assim, o conceito de vício nasce comprometido com ideais da classe burguesa, tributário de uma ideologia que hierarquiza e disciplina os corpos.

Foucault (1999) problematiza também as técnicas que a partir do séc. XVIII vão impor limitações, proibições ou obrigações ao corpo, sendo uma delas, o exercício da coerção sem folga, de mantê-lo ao nível da mecânica – movimentos, gestos, atitudes e rapidez.

As disciplinas se tornam formas gerais de dominação, que diferentes da escravidão, por não se tratar de uma relação de apropriação dos corpos, se dão por elegância, em dispensar essa relação custosa e violenta. O momento histórico das disciplinas nasce com o objetivo não somente de aumentar as habilidades do corpo, ou aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e vice-versa.

Através dessa política de coerções, como manipulação calculada de seus elementos, gestos e comportamentos, o corpo é posto numa maquinaria de poder que o esquadrinha, desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica corpos dóceis, submissos, exercitados, ampliando sua força em termos econômicos e de utilidade, fazendo dele uma aptidão, capacidade, com uma relação de sujeição estrita. O corpo do homem moderno nasce através de um conjunto de técnicas, processos de saber, descrições, receitas e dados, com o objetivo de obediência, submissão e utilidade econômica.

Parece sintomático que os especialistas estabeleçam o que é uma vivência sexual considerada como vício, a partir de sua relação com a rotina pessoal do indivíduo, isto é, no momento em que a busca pelo sexo passa a atrapalhar o itinerário produtivo do sujeito, esse comportamento sexual passa a ser patologizado. Baliza-se assim, a normalidade da vivência sexual quando essa busca por prazeres não atrapalha a “utilidade econômica” dos corpos.

Calligaris propõem enquanto terapeuta, disciplinar a partir do desejo do paciente, a vergonha e a culpa, que possam estragar seus prazeres, e não o “vício sexual”. Para ele, quem enxerga o desejo sexual como patologia é sempre moralista. A patologização é o método moderno de policiamento. Esse policiamento da sexualidade e patologização da mesma também correspondem *“a eterna inveja dos reprimidos: como dizia Alfred Kinsey, em regra, os que consideramos doentes e maníacos sexuais são apenas os que praticam mais sexo do que a gente* (CALLIGARIS, 2012).

Mas o certo é que os termos que moralizam e/ou patologizam a sexualidade, podem limitar, pela sublimação ou vigilância moral de controle, a vida sexual desses homens, mas não apagam seus desejos. Existindo, o desejo sexual parece se efetivar de alguma forma, ao menos para esses homens que utilizam a rede de internet como meio de conhecer pessoas.

Pinceladas Finais

Embora algumas pesquisas tenham destacado que o preconceito e o estigma imposto à identidade homossexual faz com que muitos homens rejeitem relações afetivas por temerem associação com a homossexualidade, considero que esse fato não explica o motivo pelo qual alguns indivíduos rejeitam relações amorosas, demandando apenas relações sexuais sem compromisso.

Não podemos desconsiderar que as regras sociais exigem que os indivíduos mantenham relações afetivas dentro dos parâmetros da heterossexualidade e monogamia, ou que formulem suas vidas dentro de tais padrões, mesmo não sendo heterossexuais.

Esses indivíduos que utilizam os sites de relacionamentos para buscar parceiros, elencam uma série de razões para manter relações sexuais sem compromissos, desde o fim de relacionamento, momento em que buscam vivenciar prazeres que foram suspensos por acordos mútuos, até a impossibilidade de resistirem aos apelos sexuais dos outros homens, mesmo quando estão buscando relações afetivas e duradouras.

Os desejos sexuais terminam se impondo sobre os sujeitos, mesmo quando os mesmos moralizam o sexo, associando-o a promiscuidade e ao vício. Essas moralizações e possíveis efeitos que possam causar, como por exemplo, a culpa, não

impede a realização dos desejos. Os desejos se efetivam, e são possibilidades de subversão das normas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLIGARIS, C. **Sexo e vergonha**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/1065167-sexo-e-vergonha.shtml> acesso em: 20/05/2012.

CARNEIRO, H. **A fabricação do vício**. Texto apresentado na conferência: “A construção do vício como doença: o consumo de drogas e a medicina”, no XIII Encontro Regional de História (Anpuh-MG), em 15/07/02, em Belo Horizonte.

COSTA, J.F. **A inocência e o vício. Estudos sobre homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930). Rio de Janeiro, Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. 21).

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1999.

KERN, F.A; SILVA, A.L. **A homossexualidade de frente para o espelho**. Porto Alegre: Psico, 2009.

MACRAE, E. **A construção da igualdade. Identidade Sexual e Política no Brasil de “Abertura”** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

MICHAELIS, D. DICIONÁRIO. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/> acesso em: 20/02/2012.

MISKOLCI, R. **Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas online**. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), 2012.

_____. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. In: Sociologias. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009. n. 21 p.150-182.

_____. **Desejo e Solidão**. Rio de Janeiro: CLAM-UERJ, 2008.

PARKER, R. G. **Abaixo do Equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Natal: Bagoas, 2010.